



19 Congresso de Iniciação Científica

ADAPTAÇÃO DO FACI FORMULÁRIO DO COTIDIANO INFANTIL PARA INVESTIGAÇÃO DE BEBÊS ENTRE 3-18 MESES

Autor(es)

CAMILA BRUZASCO DE OLIVEIRA

Orientador(es)

RUTE ESTANISLAVA TOLOCKA

Apoio Financeiro

PIBIC/CNPQ

1. Introdução

Nas últimas décadas, pesquisadores têm se empenhado em conhecer as relações entre criança e meio ambiente e possíveis resultados no desenvolvimento, incluindo a motricidade e o ambiente domiciliar (MARTINS et al 2004; RODRIGUES, SARAIVA e GABBARD, 2005).

Contudo, as crianças não estão mais ficando apenas no ambiente domiciliar, pois passam boa parte do dia em Instituições de Ensino infantil (IEI), as quais, a partir de 1996, com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996) deveriam possuir caráter pedagógico e estimular o desenvolvimento, porém alguns estudos que passaram a observar estes ambientes tem mostrado que as creches ainda têm caráter assistencialista, despendendo a maior parte do tempo em atividades de alimentação, higiene e sono (SANTOS, 2006; BÓGUS et al, 2007; TOLOCKA et al, 2009).

Os estudos deveriam considerar não apenas um local onde a criança se encontra, mas os diferentes ambientes onde ela se insere, ou seja poderia se observar tanto o ambiente da casa quanto o ambiente da escola, porém esta relação tem sido pouco investigada (RODRIGUES, SARAIVA e GABBARD, 2005) e são escassos os instrumentos que oportunizam a avaliação dessa relação, como foi observado por Silva (2006), que em sua revisão bibliográfica, mostrou que diversos formulários e questionários validados para observar o dia a dia da criança são de difícil aplicação, além disto até o momento não foram encontrado questionários sobre as atividades do cotidiano de bebês.

2. Objetivos

Assim os objetivos deste estudo foram:

- Adaptar o Formulário de Atividades do Cotidiano Infantil para observação de atividades diárias de bebês;
- Observar as atividades realizadas na escola e analisar se tais atividades oportunizam experiências motoras
- Relacionar o tempo gasto em atividades físicas com as condições clínicas do bebê.

3. Desenvolvimento

Trata-se de um estudo de campo com bebês de três a 18 meses de idade, participantes de duas IEI públicas, em Piracicaba – SP, cujos pais assinaram o TCLE. A pesquisa foi aprovada pelo COEP da Universidade com parecer n° 29/08.

Para a verificação do cotidiano infantil foi utilizada a adaptação do Formulário para Avaliação das Atividades do Cotidiano Infantil (FACI-Bebê), proposto por Silva et al (2006), que era composto por perguntas sobre atividades físicas e outras atividades realizadas em um dia da semana (ontém) e no final de semana (último Domingo), sendo feita a coleta de dados entre terça e sexta-feira.

Para verificar as atividades realizadas na escola, foram feitas observações in locu, em cada instituição, durante uma semana. A observadora acompanhava a turma do Berçário I durante o dia todo e transcrevia para a ficha de atividades tudo que eles faziam. Na ficha foram anotadas as atividades realizadas, tempo em que cada bebê permanecia nela, emoção demonstrada e interações dos bebês entre si, durante a atividade.

A ficha de saúde utilizada foi uma adaptação da ficha proposta por Tolocka (2006) que consta de dados sobre o nascimento: massa corporal ao nascimento; problemas ao nascer; meses de gestação, situação atual do bebê: com quem ele vive; se está em tratamento medico; se faz uso de algum medicamento e dados sobre o histórico: amamentação; antecedentes pessoais e familiares.

4. Resultado e Discussão

A observação das crianças em seu dia a dia mostrou que elas realizam atividades que envolvem as seguintes habilidades motoras: a) função locomotora: rastejar, andar, correr, engatinhar e arrastar b) função manipulativas: pegar, lançar, manusear objetos (brinquedos, canecas, colheres, chupetas e brinquedos) e c) equilíbrio: sentar, ficar em pé com e sem apoio e rolar. Tais habilidades estavam previstas na escala motora Alberta Infant Motor Scale – AIMS (FOLIO; FEWELL, 2000) que foi comparada ao FACI para adequação das atividades a serem questionadas com os pais.

Assim foi acrescido ao FACI uma questão sobre atividades realizadas em diferentes decúbitos, uma sobre deslocamentos horizontais (arrastar e engatinhar) e duas relativas a outras atividades que se referem ao tempo em que a criança fica no bebê conforto ou carrinho de bebê e o novo formulário, específico para bebês, passou a ser denominado como FACI-Bebê.

Dados coletados com o FACI-Bebê mostraram que o tempo de sono noturno dos bebês durante a semana foi em média de 9h55min, sendo o mínimo de 6h30min e o máximo 13h55min. No final de semana a média aumentou, passando para 10h25m, com mínimo de 5h00min e máximo de 13h25min.

Em relação às atividades físicas tais como: deslocar-se sobre rodas, deslocamentos e manipulação de objetos, a mediana do tempo gasto tanto durante a semana foi de 30 min e no final de semana foi de 33,5 min.

A mediana do tempo destinado a outras atividades como: assistir televisão, ouvir alguém com história, brincar com brinquedos eletrônicos, durante a semana foi de 30 min e no final de semana foi de 25 min.

Porém, o tempo gasto em atividades físicas e em outras atividades por cada criança, foi muito variável. A tabela 1 mostra que o desvio padrão de tempo gasto em algumas atividades é muito elevado, por exemplo, nas atividades de deslocamento sobre rodas durante a semana o desvio padrão obtido (30,26 min) foi maior do que a média (20,26 min), em outras atividades também é possível observar esse resultado. Isso pode ter ocorrido também porque como os pais ficam pouco com os filhos, eles podem não estar sendo precisos quanto ao que as crianças realizam.

Dentro das IEIs há uma divisão dos alunos nos berçários, sendo que sete alunos ficam apenas no período matutino, sete bebês ficam apenas durante a tarde e sete alunos permanecem em período integral, o que pode explica em parte a variação do grupo.

Foi possível observar as atividades constantes da tabela 2, que também mostra o tempo que foi gasto nessas atividades nos dias observados.

A observação da rotina nas instituições mostrou a maior parte do tempo, as crianças ficam dentro do berço, acordadas ou dormindo, ou estão realizando alimentação (aproximadamente seis horas), e que as atividades dirigidas anunciadas na rotina, não foram observadas na prática, como também apontam os estudos de Santos (2006) e de Batista (2008).

O restante do tempo fica destinado a atividades com maior gasto energético (livre na sala e na área externa), por aproximadamente três horas, nesse momento ficam disponíveis para as crianças alguns materiais, mas é também neste período as crianças tomam banho e fazem a troca de fraldas, ou seja, também aqui não foi observada preocupação com montagem de ambiente para propiciar vivências motoras, nem ações intencionais, uma vez que as monitoras se ocupavam das atividades de higiene, enquanto que as crianças que não estavam sendo atendidas na higiene ficavam ou no berço (sentadas ou manipulando algum brinquedo ou dormindo) ou ficavam no solo, onde ficavam andando ou correndo pela sala, dançando quando tinha música ou tentando alcançar brinquedos fora de seu alcance. Os bebês que não sabiam andar, engatinhavam ou se arrastavam pela sala, alguns brincaram em decúbito dorsal e/ou ventral, foi possível observar que eles brincavam com as partes do corpo, se descobrindo, ou com utensílios pessoais (manipulação), de vez em quando eles se interagem com o olhar e riam.

Ao observar as atividades do cotidiano dos bebês comparando-as com a rotina diária da escola, pode-se notar que no ambiente escolar a criança não tem oportunidade de se deslocar sobre rodas, enquanto que em casa 13 crianças fazem isto durante a semana e 15 o fazem no domingo. Mas na escola há triciclos.

Embora o Ministério da Educação (2009) afirme que as crianças têm direito a brinquedos disponíveis a todos os momentos e de livre

acesso, e que os espaços externos e internos devem permitir as brincadeiras entre as crianças, em algumas aulas a quantidade de brinquedos disponíveis não era compatível com o número de bebês, alguns brinquedos estavam quebrados ou eram muito maiores e pesados para as crianças brincarem, embora as instituições tivessem outros brinquedos no almoxarifado, o que também foi observado por Schobert (2008).

Verifica-se assim que entre o discurso da escola e o que tem sido feito na escola existe uma distância que precisa ser diminuída, pois embora seja importante que os bebês tenham espaço e oportunidades de se movimentar livremente (PAPALIA; OLDS, 1998), é também necessário que um adulto organize o ambiente e estimule o desenvolvimento em seus vários aspectos (BRAZELTON; GREENSPAN, 2002), prática que não foi observada.

Através da Ficha de Condições Clínicas dos bebês foi possível observar que dos 38 bebês, 12 faziam uso de medicamentos, entre os quais as reações adversas mais comuns foram: cefaléia, vômitos, fraqueza muscular, sonolência, irritabilidade, entre outros.

Mas é importante ressaltar aqui que entre as crianças que tomavam medicamento a média de tempo gasto em atividades físicas durante a semana e ao final de semana foi de 209 minutos e 229 minutos, respectivamente e que seis destas crianças estavam abaixo dessa média, que já é preocupante. O uso desses medicamentos pode estar alterando a participação dessas crianças nas atividades físicas, pode estar ocorrendo alguma reação adversa do medicamento. Estes dados alertam para a necessidade de verificação mais aprofundada do estado clínico de algumas crianças, sendo que a proporção de crianças em uso de medicamento é alta e precisa ser melhor investigada.

5. Considerações Finais

A adaptação do FACI foi bem sucedida, permitiu objetivar a observação da maioria das atividades que são possíveis a um bebê realizar e constitui-se em um instrumento de fácil aplicação e de baixo custo, o que viabiliza estudos sobre o cotidiano infantil.

Estão no cotidiano extra escolar atividades que envolvem locomoção, manipulação e estabilização, porém as crianças ainda despendem mais tempo em atividades de higiene e alimentação

Dentro das Instituições de Ensino as crianças, apesar de terem, aproximadamente três horas livres, na sala ou na área externa, na prática esse tempo não é usado para estimular o desenvolvimento, ficando a maior parte do tempo em atividades onde os movimentos são restritos.

Referências Bibliográficas

BATISTA, R. A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido. Florianópolis, SC Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

BÓGUS, C.M et al. Cuidados oferecidos pelas creches: percepções de mães e educadoras. Rev. Nutr, v. 20, n. 5, p.499-514, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732007000500006. Acesso em 12 de Março de 2011

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de diretrizes e bases da educação nacional: artigo 29 da Educação Infantil. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília-DF, 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para a Educação Básica. Critério para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais da criança. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

BRAZELTON, T.B.; GREENSPAN, S.I. As necessidades essenciais das crianças. Porto Alegre artmed. 2002.

FOLIO, R.; FEWEL, R.. The Peabody Developmental Motor Scales (Manual). Austin: Pro Ed; 1983.

GALLAHUE, D. L; OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor em bebês, crianças, adolescentes e adultos. p. 55-244. São Paulo: Phorte, 2003. Trad. Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo.

JENNI, O.G.; et al. Sleep Duration From Ages 1 to 10 Years: Variability and Stability in Comparison With Growth. Pediatrics, v.120, p. 769-76, 2007. Disponível em: http://www.kispi.uzh.ch/Kinderspital/Medizin/Medizin/AWE/Publikationen/Jenni_Peds_2007.pdf. Acesso em 12 de Março de 2011

MARTINS, et al. Qualidade do ambiente e fatores associados: um estudo em crianças de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Cad Saúde Pública, v.20, n.3, p. 710-18, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n3/07.pdf>. Acesso em 8 de Março de 2011.

PAPALIA, D.E.; OLDS, S.W.. Desenvolvimento Humano. Artmed, 7ªed, 1998.

PIQUEIRA, J.R.C.; BENEDITO-SILVA, A.A. Auto organização e complexidade: o problema do desenvolvimento do ciclo vigília-sono. Estudos Avançados, v.12, n.33, p. 197-212, 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n33/v12n33a15.pdf>. Acesso em 9 de Março de 2011

RODRIGUES, L; SARAIVA, L; GABBARD, C. Development and Construct validation of na inventory for assessing the home environment for motor development. Research Quaterly for Exercise and Sport, v. 76, n. 2, p. 140-148, 2005. Disponível em: http://www.aahperd.org/rc/publications/rqes/upload/RQES_June05.pdf. Acesso em 8 de Março de 2011.

SACCANI, R. Validação da Alberta Infant Motor Scale para Aplicação no Brasil: análise do desenvolvimento motor e fatores de risco para atraso em crianças de 0 a 18 meses. 2009. Dissertação (Mestrado em)- da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

SANTOS, M.G.M. A Educação Infantil frente os diferentes padrões de sono e vigília de crianças de 0 a 3 anos: dilemas e equívocos. 2006, 99p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, SP.

SCHOBERT, S. O desenvolvimento motor de bebês em creches: um olhar sobre diferentes contextos. 2008, 158p. Dissertação (mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.

SILVA, J. V; et al. Lazer infantil: direitos legais, transformações sociais e implicações ao crescimento e habilidades motoras básicas. Revista Licere, v.9, n.1, p.81-96, 2006.

SILVA, J.V.P. Crescimento, habilidades motoras básicas e cotidiano infantil de crianças de Campo Grande –MS. 2006, 153p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba, SP.

TOLOCKA, R.E. Aprendizagem e dança em grupos heterogêneos In TOLOCKA, R.E; VERLENGIA, R. Dança e Diversidade Humana. Campinas: Papirus, 2006.

TOLOCKA, R. E et al. Como brincar pode auxiliar no desenvolvimento de crianças pré-escolares. Revista Licere, v.12, p.1 – 10, 2009.

Anexos

Tabela 1–Distribuição do tempo (minutos) gasto em atividades fora da IEI

	Durante a semana			Final de semana		
	M	MED	DP	M	MED	DP
Deslocamento sobre rodas	20,26	10	30,26	16,03	0	23,98
Outros deslocamentos	92,19	60	73,18	88,46	60	66,22
Manipulação	57,44	30	58,42	66,9	60	57,18
Outro	4,1	0	14,64	19,23	0	61,37
História	3,41	0	11,13	5,7	0	12,25
Televisão	33,22	30	20	31,41	20	39
Brinquedo Eletrônico	26,39	20	26,31	28,59	30	28,5
Passeio de carro	29,25	10	40,9	48,59	0	67,21
Outro	2,19	0	8,3	18,21	0	48,39

Legenda: M = Média, MED = Mediana e DP= Desvio Padrão.

Tabela 2: Tempo (min) e média do tempo (min) gasto em cada uma das atividades dentro da Instituição nos dias observados

Atividades	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Média diária
Livre no berço	73,5	70,5	102,5	54	47	69,5
Suco	10,5	5,5	6,5	4,5	12	7,8
Lanche						
manhã/tarde	50,5	41	50,5	42,5	62	49,3
Livre na sala	257	207	179,5	174	247	212,9
Atividade dirigida	24	16	36	46,5	18	28,1
Almoço	30	27,5	27	25,5	30	28
Janta	33	26,5	23,5	24,5	24	26,3
Sono	121,5	130,5	110	165,5	129	131,3